



Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico Dos Casos De Sífilis Congênita Notificados No Brasil De 2015 A 2019

Autores: Thaise Abdon da Silva / UFBA; Alanna da Silva Amorim / UniFTC; Gabriela Nascimento Brugnaro / UFBA; Isabelle Sampaio Pessoa / UniFTC; Ludmila Matos Batista Correia de Brito / UniFTC; Maria Gabriela Adorno Vinhático / UniFTC; Matheus Zarpellon Campelo de Queiroz / UFBA;

Resumo: Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível (IST) e sua transmissão vertical possui uma das maiores repercussões durante a gestação entre as ISTs. A sífilis congênita se dá por via transplacentária, com disseminação hematogênica do *Treponema pallidum* da gestante não tratada para o seu conceito, podendo ocorrer em qualquer fase da gestação e em qualquer estágio da doença. A sífilis congênita se divide em dois estágios: precoce (surge até o segundo ano de vida) e a tardia (após o segundo ano). Cerca de 70% dos casos precoces são assintomáticos e as manifestações clínicas da sífilis congênita tardia são raras, podendo envolver vários órgãos. Os testes imunológicos, os testes treponêmicos e os testes não treponêmicos são os mais utilizados e se caracterizam pela pesquisa de anticorpos. A sífilis congênita é considerada uma doença de fácil prevenção, desde que a gestante infectada seja adequadamente tratada, pois a chance de cura da mãe e do bebê é de praticamente 100%, além de reduzir o risco de complicações. Por isso, no pré-natal, a pesquisa do VDRL (Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas) é obrigatória em toda paciente. Objetivo: Traçar o perfil epidemiológico dos casos de Sífilis Congênita notificados no Brasil de 2015 a 2019. Método: Estudo ecológico, observacional, realizado a partir de dados secundários disponíveis na plataforma DATASUS, do Ministério da Saúde. Os dados coletados são dos casos de Sífilis Congênita notificados no país de 2015 a 2019, com os quais traçou-se o perfil epidemiológico dos portadores deste agravo, com análise das variáveis faixa etária da criança e da mãe, raça/cor da mãe, escolaridade da mãe. Por ser um estudo de dados públicos, não foi necessária a submissão à Comitê de Ética. A limitação do estudo é a possível subnotificação de casos. Resultados: De 2015 a 2019, mais de 50% dos casos de sífilis congênita notificados são de filhos de mães com idade entre 20-29 anos, 30% são de filhos de mães com ensino fundamental incompleto, e 16% de mães com ensino médio completo. Quanto à raça, 11,3% são de filhos de mães pardas, representando uma média de 13.265 casos por ano, enquanto os casos de mães brancas apresentam em média 5.665 casos anuais. Cerca de 93% dos casos foram de sífilis congênita recente, enquanto a sífilis congênita tardia representou apenas 0,2% deles. Mais de 96% dos casos foram diagnosticados até o 7º dia de vida. Conclusão: Os dados epidemiológicos demonstram que a sífilis congênita é mais comum em filhos de mulheres com faixa etária de 20 a 29 anos, raça/cor parda e ensino médio incompleto. Nota-se também um predomínio de casos de sífilis congênita em recém-nascidos com menos de 7 dias com aumento percentual de 0,2% de 2015 a 2019. Os resultados evidenciam a necessidade do desenvolvimento de ações destinadas à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e sobre a importância da realização de uma assistência pré-natal adequada.